



A EMBAJADA A TAMORLÁN E A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL (SÉCULO XV)

Larissa Diniz Faria

Graduanda do 4º ano de História pela Universidade Estadual de Goiás. E-mail: larissadfaria@hotmail.com

RESUMO: No século XV os relatos e diários de viagens eram tidos como resultados de uma aventura para o desconhecido. Nessas narrativas, a mistura entre representações reais e imaginárias, era bastante comum. Este trabalho pretende analisar a obra de Ruy Gonzales de Clavijo, que descreveu em sua obra *Embajada a Tamorlán*, uma viagem feita em 1403, a mando do rei Henrique III. Esta durou cerca de três anos e foi vista como uma descrição do que era distante, fazendo parte da construção narrativa medieval. Na obra de Clavijo, escrita após seu retorno a Castela, ele descreve sua viagem conturbada, em busca do objetivo traçado pelo rei de Castela e todas as dificuldades vividas no percurso. Assim, a obra se torna um relato importante para o estudo do imaginário medieval.

PALAVRAS-CHAVE: Ruy Gonzales de Clavijo; *Embajada a Tamorlán*; Imaginário Medieval.

PROBLEMÁTICA

As literaturas de viagem são documentos muito importantes para a compreensão do Imaginário Medieval, tendo em vista que havia uma necessidade de se conhecer outras regiões e nessas obras podemos perceber também como eram os olhares dos homens no medievo para o que estava além de sua sociedade.

Sua representação do outro nos mostra que estes viam neste o exótico, o que era perigoso, construindo assim uma memória coletiva que viria a descrever o que lhes era exterior, e como poucos tiveram realmente acesso as terras “novas”, as narrativas eram grandes motores deste imaginário que se construía.

Essas terras a serem desbravadas e desmistificadas eram apenas terras que ainda não haviam sido conquistadas pela Europa Medieval, que ainda não faziam parte de nenhum reino cristão, ou até mesmo locais que se mantiveram vistos como misteriosos por muito tempo, inclusive, quando se trata da colonização de muitos locais que ocorreram posteriormente, há ainda escritos de mitos construídos perante esses territórios.

As terras não europeias e desconhecidas eram, então, conhecidas pela maioria através dos olhares destes viajantes que descreviam histórias que não se



desvinculavam de suas crenças pessoais construídas socialmente, mitos e havia sempre a presença do maravilhoso (*mirabilia*), que pode ser descrito como algo que estaria entre o que seria de caráter natural e o que seria de caráter sobrenatural, nestes escritos ficava ainda mais fácil verificar que

Quando aplicada à Idade Média, a distinção entre «real» e «fictício» revela-se um exercício pouco operativo. As relações de viagem alternam observações tiradas da realidade com a descrição dos mitos asiáticos. O conhecimento do espaço não dissipa o elemento lendário e mitológico, em grande parte proveniente da Antiguidade e da tradição bíblica; justapõem-se e complementam-se num todo discursivo sem importar as contradições daí resultantes. (LOPES, 2006, p 7)

As narrativas revelam a construção de uma concepção de mundo, do imaginário que se faz extremamente importante quando pensamos também na sua representatividade posterior a Idade Média.

No que se referem ao conhecimento utilizado pelos colonizadores que passaram a buscar novas terras posteriormente podemos perceber a interação entre seu conhecimento e o que era transmitido e acolhido na Idade Média perante ao desconhecido, se tornando assim um conhecimento, uma concepção cultural transmitida ao decorrer dos tempos.

A obra de Ruy Gonzáles de Clavijo foi escrita durante sua viagem a mando do rei de Castela, Henrique III e posteriormente ao fim da viagem foi finalizado, publicada e divulgada. O cavaleiro de origem madrilenha tinha por objetivo de sua viagem a Tamerlán propor um fortalecimento das relações diplomáticas entre as duas regiões, que era de interesse do rei que o havia enviado, em busca de trazer uma aliança para afastar a ameaça da expansão dos turcos otomanos que se tornava cada vez mais ameaçadora. Alfonso de Santamaría e Gomez de Salazar foram os outros dois grandes nomes que acompanharam o desenvolver desta viagem enviados pelo rei para serem parte da equipe enviada pelo rei Henrique III, que era formada por apenas estes dois nomes e por Ruy Gonzales de Clavijo.

Em sua obra, descreve sua viagem conturbada em busca do objetivo traçado pelo rei de Castela e todas as dificuldades traçadas pelo autor e por quem o



acompanhou, sendo assim, a obra se torna um relato importante para descrever, conhecer e lidar com os percalços de seu caminho.

OBEJTIVOS

I - Entender a relação estabelecida entre o viajante e a corte que o designou para a viagem para considerar a subjetividade perante sua escrita quanto a questões que envolvem o rei Henrique III de Castela.

II - Identificar de qual maneira o objetivo principal da viagem, de se estabelecer a aliança política, não pode ser concretizada a partir do olhar de Ruy Gonzáles de Clavijo.

III - Refletir sobre a influência da obra de Ruy Gonzáles de Clavijo no impulso do século XV, na busca pelo desbravamento de regiões até então desconhecidas pela civilização.

IV - Analisar a importância de sua obra para a construção do imaginário medieval e como esta se manteve no decorrer do surgimento das demais obras do século XV que vieram a descrever as regiões desconhecidas.

REFERENCIAL METODOLÓGICO E TEÓRICO

Através dos escritos presentes nas literaturas de viagens podemos desenvolver uma historiografia a partir do olhar que a população do período detinha sobre o tema abordado, proporcionando maiores possibilidades de exploração das obras. No caso dos viajantes que produziram suas obras, podemos destacar que sua maioria eram pessoas ligadas, de alguma maneira, ao poder Português – se considerarmos o fato de que a maioria das viagens feitas no período foram financiadas pela coroa Portuguesa – instaurado em seu período, sendo assim, a intencionalidade presente nas obras é ainda mais expressivas.

Podemos perceber como a relação entre Henrique III e Tamerlão se mantinha com o discurso de Tamerlão com a chegada dos viajantes enviados por Henrique III e aos demais visitantes que se encontravam na ocasião

Vejam agora os embaixadores os quais me mandou meu filho o Rei da Espanha, que é o maior rei que há entre os francos, que existem no fim do mundo; e são pessoas de grande valor e de verdade; e eu



darei a minha benção ao meu filho o rei: bastaria que ele me enviasse uma carta sem presentes, tão contente eu fiquei em saber da sua saúde e estado, como em me enviar presentes. (LOPES, 2006, pág. 54. Apud CLAVIJO, 2003 pág. 74)

A relação de interesse entre as duas regiões eram mantidas através de cortesias e cooperação de um governante com o outro, principalmente no que se tratava de alianças contra os inimigos comuns, que era o objetivo inicial da viagem enviada por Henrique III em busca de uma aliança política para um combate contra os turcos otomanos, o que não se consolidou.

Tendo como foco o fato de que o homem medieval fizera muitas viagens e usou-se da narração descritiva para construir os locais que conhecera, podemos afirmar que houve relevância de tais escritos tanto para o período como para a posteridade, buscando analisar esta temática destacamos Clavijo como autor de um dos livros que influenciaram a construção do imaginário medieval sobre os locais que ele visitou e descreveu em sua obra, centralizando a análise no que tange o reflexo do interesse do rei a partir de seu ponto de vista.

Podemos observar que em sua obra Clavijo se utiliza de uma descrição minuciosa sobre situações que presenciava e os locais que conhecia, como por exemplo, sua descrição ao se deparar com a cidade de Gaeta:

Esta dicha ciudad de Gaeta, y el puerto de ella es bien hermoso, ca luego en la entrada del puerto es angosto, y de dentro más ancho, y es cerrado todo en derredor de altas sierras, en que hay castillos y casas bien hermosas, y muchas huertas, y a la mano izquierda como hombre entra en el puerto, está un cerro alto, y encima de él está una torre como atalaya muy grande, que dicen que hizo Roldán, y así la llaman la Torre de Roldán: y en par de este dicen en ladera hacia el mar a do está el puerto, a tanto que llega hasta cerca del agua, y luego está el muro en que bate el mar. (CLAVIJO, 2003: 5).

A busca por tentar tornar o que via algo grandioso se faz perceptível, há ainda a busca por descrever detalhes de como se dava o cotidiano do local e a busca por



tentar localizá-lo a partir de pontos que seriam de fácil acesso ou que tornaria mais próxima de sua realidade, do que já conhecia.

Em sua obra, há uma riqueza de informações no que tange a quantidade de pessoas em determinados locais e em determinar as cidades as quais os visitantes se dirigiam, na busca por construir uma importância incontestável para o local em que o viajante se encontrava com o objetivo de demonstrar ao rei o quão útil àquela viagem havia sido para seus interesses políticos.

CONCLUSÃO

As descrições das narrativas de viagem são fontes historiográficas muito valiosas já que proporcionam um conhecimento profundo e detalhado do que era construído como realidade e influenciava concretamente no Imaginário Ocidental.

As viagens necessitavam de muito investimento, demoradas e exigia muito de quem fosse se dedicar a tal, logo, era montada uma equipe que acompanhava estas viagens com objetivos de auxiliar a chegada ao destino e ainda assim para proteger o enviado do rei no caminho, porém, ainda assim, estes enfrentavam muitas dificuldades e por vezes demoravam mais do que o esperado para chegar ao seu destino e até mesmo para retornar.

Quanto ao relato de Clavijo, em sua obra há uma riqueza de informações no que tange a quantidade de pessoas em determinados locais e em determinar as cidades as quais os visitantes se dirigiam, na busca por construir uma importância incontestável para o local em que o viajante se encontrava com o objetivo de demonstrar ao rei o quão útil àquela viagem havia sido para seus interesses políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, Janaína; GARCIA, Ledonias Franco. *Navegar é preciso: grandes descobrimentos marítimos europeus*. São Paulo: Atual, 1989.

CLAVIJO, Ruy Gonzales de. *Embajada a Tamorlán*. In: Biblioteca Virtual Universal, 2003.

ESTRADA, Francisco López. *Libro de viajeros hispánicos medievales*. Madrid: Laberinto, 2003.

FONSECA, Luis Adão da. *O Imaginário dos Navegantes Portugueses dos Séculos XV e XVI*. In: Estudos Avançados 6 (16), 1992.



ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE
Os desafios para a formação do sujeito e os rumos da pesquisa e da extensão universitária na atualidade - 26 a 28 de agosto de 2015.

LOPES, Paulo. *Os livros de viagens medievais*. In *Medievalista*. Lisboa: Ano 2. Nº 2, 2006. (págs. 1-32)

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *As Utopias Medievais*. SP: Brasiliense, 1992.

GREENBLATT, Stephen. *Maravilhosas Possessões*. In: *Estudos Históricos Rio de Janeiro*: Vol. 2, n. 3, 1989. (págs. 43-62)

_____. *Possessões Maravilhosas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. (obra completa)

MATTOSO, José. *Poderes Invisíveis: O Imaginário Medieval*. Lisboa: Temas & debates, 2013.

VALLEJO, Eduardo Aznar. *Viajes y descubrimientos en la Edad Media*. Madrid: Síntesis, 2007.

RUIZ, Teófilo. *Las crisis medievales (1300-1474)*. Barcelona: Crítica, 2008.

PAREDES MIRÁS, Maria del Pilar. *Mentalidade nobiliária e nobreza galega. Galiza: Toxosoutos*, 2002.

LEGOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Bauru: Edusc, 2005.

_____. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente medieval*. Lisboa: Edições 70, 1990.